

CAPÍTULO III

MUZILA

Também designado, nos documentos escritos, por Mzila, Muzira e Mugira. Muhlanga afirma que o seu verdadeiro nome era Chibakuza. A. M. Cardoso informa, por seu lado, que tomou o nome de Inhamanda depois de vir do Transvaal (28).

Quando seu pai regressou ao vale do Limpopo para estabelecer em Chaimite a capital do reino de Gaza, Muzila foi mandado completar a ocupação da região entre os rios Save e Zambeze, região que governou como senhor quase absoluto desde 1842 até à morte de Manucusse, ocorrida dezasseis anos depois. É mencionado por João Julião da Silva logo em 1844, ano em que os Vangunes de Gaza, parece que pela primeira vez, cobraram tributos nos prazos ao sul de Sêna (94). Muzila, vencida a longa e sangrenta guerra de sucessão que travou com seu irmão, dedicou-se, por algum tempo, à reorganização militar e administrativa dos territórios ao sul do Save, após o que voltou a fixar-se na cordilheira montanhosa que, ao sul do rio Búzi, se estende de ambos os lados da fronteira entre a Rodésia e Moçambique. Parece ter construído a sua primeira capital na área do actual Posto de Chibabava. Mudou-se posteriormente para locais que baptizou com os nomes de Mandlakazi e Tchametchame (109). Em 1872 Erskine (48) mediu assim as coordenadas da sua capital: 20° 23' lat. sul e 32° 30' long este. Parece que em 1874 se transferiu para Buchanibude, 14 milhas ao sul do Monte Selinda. A sua última capital, aquela onde faleceu em 1884, tinha o nome de Moiamuhle. O missionário Depelchin (39) passou nas suas proximidades em 1880. Parece ter sido Tchametchame que possuía o nome angune de Ndwengo e que passou a ser reservada às suas viúvas, revestindo, por conseguinte, carácter sagrado.

As relações hostis que durante alguns anos manteve com o reino swazi devido ao auxílio militar prestado a Mawewe parecem ter cessado graças ao processo drástico a que recorreram outros soberanos vangunes : a criação de uma «terra-de-ninguém», completamente desabitada, com uma largura de quatro dias de marcha, que seguia aproximadamente, os cursos dos rios Sabié e Incomáti ⁽⁴⁷⁾.

As formas regularizadas de intercâmbio diplomático foram particularmente importantes na manutenção de relações estáveis com o vizinho reino Ndebele. As respectivas esferas de influência eram separadas pelo rio Save. Ao contrário do sucedido com outros grupos de origem angune que, como vimos, constantemente se degladiavam entre si, os reinos de Gaza e Ndebele conseguiram respeitar uma situação prolongada de coexistência pacífica. Pouco depois de ter sucedido ao trono, em 1868, Lubengula enviou a Muzila uma oferenda constituída por gado bovino. É possível, no entanto, que tivesse havido ocasionais malentendidos. Quando Erskine ⁽⁴⁸⁾, em Outubro de 1873, visitou Muzila e solicitou autorização para continuar caminho até à capital ndebele, aquela foi-lhe negada por se encontrarem em guerra aberta e o primeiro ser adverso à abertura de quaisquer vias comerciais através dos seus domínios. Entre parêntesis diremos que a referência que nesta passagem faz a Mzilikazi deve-se, decerto, ao desconhecimento da real situação interna do reino ndebele. Na verdade, em 1873 já Lubengula havia sucedido a seu pai, falecido cinco anos antes.

Todavia, logo em 1879, depois de longas negociações, Lubengula tomou como sua principal mulher uma filha de Muzila, Kwalila. Esta partiu acompanhada por uma grande embaixada da qual faziam parte várias outras possíveis noivas, incluindo uma irmã do rei de Gaza. Esta embaixada foi faustosamente acolhida e cumulada de entretenimentos durante os meses que precederam o casamento ⁽²¹⁾. O Pe. Law ⁽³⁹⁾ cruzou-se com ela em 14 de Setembro de 1879.

Dados os entendimentos tácitos ou explícitos mantidos com Swazis e Ndebeles e as resistências surgidas contra o seu domínio nos territórios entre os rios Púnguè e Zambeze, não admira que Muzila tivesse procurado saquear, avassalar e obrigar a tributos as populações que ocupavam o actual Transvaal Norte. Erskine ⁽⁴⁷⁾ quando em 1868 passou pelo território compreendido entre os rios Limpopo e dos Elefantes, encontrou os súbditos do chefe Manjaje «constantemente saqueados por Mzila que lhes destruía as culturas e os empobrecia de todos os modos; se possuíssem gado as visitas ainda seriam mais frequentes». Nas povoações abandonadas as populações viviam escondidas no mato temerosas dessas depre-

dações. Também na cronologia de Chinangana ⁽⁷⁶⁾ se encontra uma referência às razias efectuadas pelos regimentos de Muzila, em 1870, entre os habitantes dos Montes Spelonken.

Outro relato recente e fidedigno ⁽¹⁷⁵⁾ refere-se às incursões lançadas contra os povos do sudeste da actual Rodésia. O chefe Hodi Kufakweni conseguiu com os seus súbditos resistir durante oito anos aos destacamentos enviados para o destroçar. É que na sua juventude conhecera pessoalmente Zwanguendaba e pedira-lhe que o treinasse nas tácticas militares Vangunes. Só em 1873 sucumbiu, finalmente, a um ataque lançado por três regimentos de Gaza, segundo um plano cuidadosamente preparado. C que conseguiu surpreendê-lo seria comandado por N'yamande, o último cognome de Muzila.

As suas relações com os Portugueses revestiram-se de carácter algo ambíguo. Como em todo o vasto interior as autoridades portuguesas não exerciam qualquer domínio efectivo, o chefe angune parece ter considerado mera formalidade, sem repercussões políticas, o acto de vassalagem que prestou em 1861. Sabe-se que os moradores de Sofala chegaram a cotizar-se para lhe pagar o tributo que anualmente exigia ⁽²⁸⁾. Por sua causa Sofala foi abandonada em 1870 e a administração portuguesa transferida para Chiluané. Mesmo em relação a João Albasini, que tanto o ajudou a conquistar o trono, Muzila não primou pela generosidade. Logo a partir de 1864 levantou obstáculos tão difíceis à actividade dos caçadores de elefantes actuando no Zoutpansberg que o célebre pioneiro viu gravemente afectados os seus negócios ⁽¹⁰⁶⁾.

Visando decerto monopolizar o tráfego de marfim, igualmente expulsou da região entre os rios Buzi e Revuê os caçadores de Manuel António de Sousa. Conta G. Bivar Pinto Lopes ⁽¹⁰⁰⁾ que este pioneiro e outro português natural da Índia cognominado «Chapuquirá» organizaram uma expedição contra os Vangunes, sendo, porém, batidos e forçados à retirada. Juntamente com o capitão indígena Bacião, fortificaram-se, respectivamente, em Maforça, Gondola e Bandula. Depois de assaltadas as suas aringas viram-se obrigados em 1854 ou 1855 a procurar refúgio, com muitos Teves, na Serra da Gorongosa, único local que entre toda a região do Save ao Zambeze nunca pagou tributo aos monarcas vangunes.

Muzila mandou, mais tarde, um exército de 3 000 homens atacar a fortaleza natural que servia de abrigo ao célebre «Gouveia», exército que, depois de numerosas tentativas fracassadas, decidiu bater em retirada ⁽³⁷⁾. O enérgico sertanejo goês não se limitou a alcançar esta vitória mas, graças à linha de aringas que construiu na década de 1860, con-

seguuiu afastar da região os regimentos de Muzila que anualmente se deslocavam aos prazos de Sena para cobrança dos tributos.

Também a influência de Muzila no Reino de Manica parece ter sido disputada por M. António de Sousa em 1874. Segundo uma versão oficial portuguesa ⁽¹²⁰⁾ as dinastias rivais de Makoni e Makombe teriam atacado naquele ano a de Mutassa, que, na qualidade de tributária, pediu assistência militar a Muzila. Mas teriam sido derrotados os regimentos por este expedidos. Aconselhado pelo seu medium-espírita, o monarca teria rogado a M. António de Sousa que lhe acudisse. Este teria conseguido, efectivamente, expulsar os invasores, recebendo, como prémio, a submissão do monarca de Manica. Todavia, nem aquele sertanejo nem o seu aliado J. C. Paiva de Andrada conseguiram até 1884 obter ali quaisquer concessões.

Já no Reino do Báruè, onde imperavam os Makombes, a influência de Muzila parece ter sido mais apagada. De 1826 a 1830 esteve o reino sem monarca devido a disputas de sucessão. Depois, prolongando-se por um lustro, surgiu a ocupação dos angonis chefiados pelos Masekos. Em 1846 a aristocracia báruè encontrava-se irremediavelmente dividida entre os dois pretendentes ao trono, Chibudo e Chipatata. Documentos históricos portugueses ⁽¹²⁰⁾ referem-se à gorada tentativa feita em 1854 por Muzila, ainda governador, para colocar no trono o seu protegido Chibudo. Depois da morte do Makombe Chipatata em 1880 e da ascensão ao trono de M. António de Sousa, a linha de 30 ou 40 aringas que construiu do Zambeze ao Púngoè, defendeu a região contra as incursões dos regimentos do Império de Gaza, que, nas suas incursões anuais para colecta de tributos na Chupanga e no delta do Zambeze se viram forçados a seguir a rota meridional através de Cheringoma.

Hostis foram igualmente as relações entre Muzila e os Portugueses de Inhambane. Erskine ⁽⁴⁸⁾, que passou por esta vila a caminho da corte de Gaza em Julho de 1871, narra que (Bi)tongas e parte dos Chopes, fugindo aos ataques dirigidos pelos angunes, se concentraram na região circunvizinha. Armados e comandados de 1869 a 1877 por João Loforte, o célebre «Nhafoco», coronel honorário das forças irregulares que desfrutava de imenso prestígio, conseguiram manter os inimigos em respeito. Há notícias de que aquele dirigente mandou enforcar os *indunas* do Muzila que tentaram cobrar tributos nas terras da Coroa dependentes do Governo de Inhambane ⁽²⁵⁾. Nesse ano, a fronteira entre aquelas terras e o Império de Gaza era demarcada pelo rio Inhatamini, afluente do Inhanombe.

Também se sabe que em 1881 Muzila mandou atacar, mas sem resultados significativos, a região habitada pelos Chopes.

Um português com quem Muzila manteve excelentes relações foi Diocleciano F. das Neves. Sabe-se que mandou dois regimentos prestar-lhe honras fúnebres quando faleceu perto de Inhampura, na margem direita do Limpopo, em Fevereiro de 1883 (106).

No que se refere às relações mantidas com outras potências europeias há a notar que em 1870 Muzila quis demonstrar a sua independência política mandando uma representação a Sir Theophilus Shepstone, Secretário dos Negócios Indígenas, no Natal, com a tripla incumbência de resolver uma pendência com os Swazis, sugerir a visita de um enviado britânico e fomentar o intercâmbio comercial. Perante as reservas de Shepstone, acentuaram os representantes de Muzila que de nenhum modo se consideravam súbditos portugueses. Para os fins que pretendiam foi nomeado St. Vincent Erskine que, com o seu safari, desembarcou em Inhambane aos 12 de Julho de 1871. Em 1872 quando recebeu esse enviado, depois de o fazer esperar dois meses e meio, Muzila tinha a sua capital nas faldas do Monte Selinda, capital que era designada pelo nome autóctone de Tchametchame e pelo angune de Udwengo. St. Vincent Erskine, embora frisando que não havia deparado no reino de Gaza com qualquer influência portuguesa, não forneceu informações favoráveis de Muzila (48). Em 1878 o rei angune mandou nova embaixada ao Natal, embaixada que foi dispensada depois de gratificada com alguns presentes.

Em 1882, após um litígio envolvendo a submissão à Coroa de dois chefes tribais do vale do Incomáti, procuraram as autoridades portuguesas fazer aplicar o acto de 1861. Mas o enviado Sousa Teixeira foi, pelo governador angune do Bilene, Matinguana, informado que ignorava totalmente o acordo. Porém, em princípios de 1883, um ano antes da sua morte, quando Muzila foi visitado por António Maria Cardoso, parece haver reconhecido a validade da sua vassalagem. Este militar descreveu deste modo o monarca de Gaza (28): «Muzila é um velho dos seus setenta anos, magro, de uma altura regular, feições agradáveis, barba bastante, que usa rapada, e fisionomia simpática. Vestia na cinte um pedaço de pano paló e sobre ele algumas peles de macaco; ao pescoço um lenço azul e branco, amarrado por duas pontas; na mão esquerda uma charuteira de palha coberta de missanga, e na direita uma caixa de prata para rapé. Está débil e quando anda apoia-se a um pau, que lhe serve de bengala. Não parece estar no uso pleno das suas faculdades mentais, e o olhar amortecido e indeciso denuncia a aproximação de demência. Estava rodeado de oito dos seus grandes, do secretário Maquejana e de um outro quase da

mesma idade do que ele, mais baixo e fisionomia estúpida e repelente e bastante magro, chamado Mandigase».

Os desenvolvimentos históricos do reinado de Muzila podem assim enumerar-se :

- a) Começo espontâneo do movimento migratório de trabalhadores para a África do Sul;
- b) Importância crescente das receitas deste movimento que substituíram as de caça ao elefante, cuja extinção no sul do reino se iniciou por volta da década de 1870;
- c) Integração na economia monetária reforçada pela venda de géneros como gergelim e amendoim, exportados por firmas francesas;
- d) Crescente interesse dos europeus, sobretudo ingleses estabelecidos no Natal, recebendo o reino de Gaza, a visita de comerciantes, missionários, exploradores, etc.;
- e) Renovado empenho dos Portugueses pela manutenção de contactos com o reino de Gaza;
- f) Diligências do monarca para aquisição de armas de fogo (⁹²).